



ROÇAS INDÍGENAS KRAHÔ: LEVANTAMENTO PRELIMINAR DAS INTERAÇÕES ECOLÓGICAS E SÓCIO-CULTURAIS NA ALDEIA PEDRA BRANCA/TO

NADI RABELO DOS SANTOS¹; TEREZINHA APARECIDA BORGES DIAS²

¹Assistente de Pesquisa, Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia; graduanda em Agroecologia, Instituto Federal de Brasília - IFB, e-mail: nadi.santos@embrapa.br

² Pesquisadora, Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia; Agrônoma; Msc em Ecologia, e-mail: terezinha.dias@embrapa.br

Resumo: A manutenção dos cultivos nas roças indígenas depende dos conhecimentos repassados pelos mais velhos, da prática de festas/ rituais relacionados, da culinária local, das atividades artesanais e da rede de troca de sementes entre outros. Para estudar as roças Krahô e verificar suas interações ecológicas e sócio culturais, foi realizada uma primeira viagem no período de 19 a 26 de abril de 2014 para a Aldeia Pedra Branca / TO. Nessa viagem foram feitas entrevistas semi estruturadas utilizando-se tópicos para diálogos que orientaram a conversa com sete destacados anciões, agricultores tradicionais, cinco homens e duas mulheres. Entre os homens o cacique e o cantador local. Para os indígenas Krahô as plantas cultivadas representam também personagens que ensinaram rituais como a festa da colheita da batata. Segundo Oscar Krahô: “o índio fez uma roça grande, plantou batata, inhame, banana e quando foi colher e chegou perto da roça viu todas as batatas reunidas cantando, a batata mesmo estava cantando e chegou mais perto para assistir a nossa cultura, para ele aprender e depois batata voltou a ser batata mesmo e o índio ficou no meio e um deles começou a jogar batata no outro”. Miguelito Krahô comentou que a roça, para eles, é a primeira escola e que assim já nascem agricultores. Ali são repassados os conhecimentos diretamente relacionados ao cultivo, escolha da terra, das variedades, da época de plantio, entre outras, bem como as relacionados ao preparo do corpo do agricultor como os jejuns, corridas de toras e atividades inerentes a gênero e idade. Cada família, além do conhecimento geral compartilhado, tem uma lógica de plantio adquirida com a observação e experimentação local o que traz um caráter peculiar a cada roça. Por exemplo, em abril, um dos agricultores entrevistados, o Luiz Krahô planta diretamente na mata o inhame, a batata – doce e a banana e posteriormente broca a área (desbasta a vegetação com foice). No mês de agosto põem fogo nesta mesma área e que, após dois dias, já observa a brotação das espécies plantadas. Já Maria Krahô comentou que planta em sua roça o arroz com a mandioca. Primeiro ela planta o arroz e assim que ele atinge cerca de um metro e meio, planta a mandioca. Quando colhe o arroz derruba a palhada em torno da mandioca que, segundo Maria, se desenvolve mais rápido. Também faz nesta área montes de palhas de arroz misturadas com terra e ali planta a batata que se desenvolve muito bem. A festa, o ritual, as práticas de preparo do corpo, bem como outras lógicas agroecológicas diretamente relacionadas plantio e o desenvolvimento das plantas, estão inter-relacionadas e compõem um arcabouço de conhecimentos tradicionais responsáveis pela manutenção das roças e dos recursos genéticos conservados *in situ / on farm*.

Palavras-chave: indígena; agroecologia; roças; cultura; conservação *in situ / on farm*.